

A IMPORTÂNCIA DA **FILOSOFIA** NA FORMAÇÃO DO **PSICÓLOGO**

THE IMPORTANCE OF PHILOSOPHY IN THE FORMATION OF THE PSYCHOLOGIST

MARCELO VINICIUS MIRANDA **BARROS**¹

RESUMO: Historicamente a psicologia se constitui como um saber próprio no século XIX, mas os seus questionamentos que dizem respeito à psique humana estavam presentes desde os filósofos da antiguidade. Mesmo que a psicologia tenha se consolidado como campo próprio de saber, a sua raiz ainda firma sua origem na filosofia. Contudo, apesar da história da psicologia junto à filosofia ser relevante para o entendimento dessa ciência, o intento desta pesquisa se volta ao psicólogo que assume de modo único uma posição filosófica. Dessa forma, frente à relevância da filosofia, que se tornou uma disciplina rejeitada no atual governo brasileiro, colocamos a questão: qual a importância da filosofia na formação do psicólogo?

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Filosofia; Formação.

ABSTRACT: Historically, psychology has been constituted as an own knowledge in the nineteenth century, but its questions concerning the human psyche were present from the philosophers of antiquity. Even though psychology has consolidated itself as a field of knowledge, its root still establishes its origin in philosophy. However, although the history of psychology with philosophy is relevant to the understanding of this science, the intent of this research turns to the psychologist who uniquely assumes a philosophical position. Thus, in view of the relevance of philosophy, which has become a rejected discipline in the current Brazilian government, we pose the question: what is the importance of philosophy in the formation of the psychologist?

KEYWORDS: Psychology; Philosophy; Training.

INTRODUÇÃO

Recentemente surgiu uma polêmica na política brasileira no que tange a educação. O presidente Jair Bolsonaro defendeu a redução de verbas para os cursos de sociologia e filosofia. A iniciativa é uma das bandeiras do seu ministro da Educação Abraham Weintraub, com intuito, segundo Bolsonaro, de “focar em áreas que gerem retorno imediato” (MAIA, 2019, p. 1).

Dessa forma, frente à relevância da filosofia, que se tornou uma disciplina rejeitada no atual governo brasileiro, colocamos a questão: qual a importância da filosofia na formação do psicólogo? Antes de respondermos a isso, precisamos fazer um rápido apanhado histórico elucidando que a psicologia não só surgiu da filosofia, como ainda teve sua trajetória epistemológica ao lado da filosofia; em seguida mostrar a sua importância na formação do psicólogo e, por fim, levantar uma problemática acerca da rejeição do governo de Bolsonaro no que diz respeito à filosofia.

BREVE APANHADO HISTÓRICO DA RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E A PSICOLOGIA

Mesmo que a psicologia tenha se consolidado como campo próprio de saber, a sua raiz ainda firma sua origem na filosofia. As implicações filosóficas estão sobrepujadas na psicologia diretamente em assuntos como: o que é loucura? O que é a consciência? Há subjetividade? O que pode um corpo? Essas são umas das questões básicas da psicologia.

Historicamente a psicologia se constitui como um saber próprio no século XIX, mas os seus questionamentos que dizem respeito à psique humana estavam presentes desde os filósofos da antiguidade. Contudo, é no final do século XIX que a psicologia obtém status de ciência. Assim, muitos estudiosos acreditavam que a psicologia científica da época era o suficiente para explicar os fenômenos psicológicos, afastando-se de uma investigação filosófica. Só que as perguntas filo-

sóficas sempre estiveram presentes, mesmo que implicitamente, nas ciências. Marilena Chauí afirma que,

as ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros [...] Ora, todas essas pretensões das ciências pressupõem que elas acreditam na existência da verdade [...] Verdade, pensamento, procedimentos especiais para conhecer fatos, relação entre teoria e prática, correção e acúmulo de saberes: tudo isso não é ciência, são questões filosóficas [...] Assim, o trabalho das ciências pressupõe, como condição, o trabalho da Filosofia, mesmo que o cientista não seja filósofo (CHAUÍ, 1997, p.13).

Ou seja, a filosofia está implícita na ciência, especialmente nas ciências humanas, como um aspecto da psicologia. Mero engano acreditar que perguntas como “o que é loucura?”, “o que é patológico?”, “o que é normal?”, “o que é consciência?” não sejam da esfera filosófica, mesmo estando atuantes no campo da psicologia. Ao recorreremos à filosofia temos, por exemplo, obras como “O normal e o patológico” (1966), do filósofo Georges Canguilhem; “História da Loucura” (1972) e “O Nascimento da clínica” (1963), do filósofo Michel Foucault; “A imaginação” (1936), “A transcendência do ego” (1937), “Esboço de uma teoria das emoções” (1939) e “O Ser e o Nada” (1943), do filósofo Jean-Paul Sartre; “Investigações Lógicas” (1901), do filósofo Edmund Husserl; “O eu e seu cérebro” (1977), do filósofo Karl Popper, juntamente com John Eccles; “Mente, cérebro e ciência” (1984) e “O mistério da consciência” (1997), do filósofo John Searle. Poderíamos obter uma lista ampla de obras filosóficas que colocam como tema os objetos de estudos da psicologia. Inclusive também a própria psicologia – assim como a própria psicanálise – torna-se objeto de apreciação crítica da filosofia.

Apesar da história da psicologia, junto à filosofia, ser relevante para o entendimento dessa ciência, um dos intentos desta pesquisa é a importância da filosofia na formação do psicólogo, portanto, é a partir desse tema que seguiremos com o nosso trabalho.

A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

Algumas bases da psicologia e da atuação do psicólogo referem-se à intersubjetividade e à linguagem. No que tange a intersubjetividade, a relação do psicólogo com paciente, as relações interpessoais podem vir à tona com os mais diversos conceitos, dependendo da abordagem da psicologia/psicanálise. Por exemplo, se considerarmos a psicologia Sócio-histórica, Lev Vygotsky defendeu que “nós nos tornamos nós mesmos através dos outros” (VYGOTSKY, 1999, p. 56), portanto, os outros sofrem investimentos de significação afetiva. Já a psicologia Behaviorista vai dizer que o comportamento é interação organismo-ambiente, podendo ser o ambiente externo: o social (SKINNER, 1967). Ainda a Gestalt-Terapia vai dizer que “todo o contato é ajustamento criativo do organismo com o meio” (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997, p 45). Poderemos ainda considerar na Psicanálise os conceitos de transferência e contratransferência. O primeiro trata-se do paciente em transferir, para o analista, afetos inconscientes, já o segundo refere-se ao analista que vivencia certos sentimentos em relação ao paciente (FREUD, 2006). Além disso, Freud vai desenvolver o conceito de “identificação”, que concerne à forma mais primitiva de se expressar vínculo emocional com outra pessoa (FREUD, 1996). Seguindo ainda a esteira da psicanálise, grosso modo, Winnicott vai tecer a importância da relação mãe e bebê para formação deste, que se estende aos adultos também (WINNICOTT, 2005).

O que queremos com todos esses exemplos é mostrar que a psicologia, como também a psicanálise, mesmo que cada abordagem tenha suas próprias premissas, está o tempo todo trabalhando com a relação concreta com o outro, seja na clínica, nos espaços comunitários e sociais (psicologia comunitária e social). Então, o psicólogo tem em vista as relações, e cada vez que ele compreende melhor tais relações, terá também a sua função melhor desenvolvida. O inverso ocorre da mesma forma, menos compreensão das relações com

o outro, menor será seu desempenho enquanto profissional.

Se para a psicologia, como vimos de forma geral, constituímos os outros e somos constituídos por eles, em uma estreita relação, afetando e sendo afetados, essa relação com o outro é também tema de estudo da filosofia. Podemos citar brevemente o filósofo Spinoza, com suas relações de afetos, ao afirmar que “as ideias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores” (SPINOZA, 2009, p. 66); outro filósofo é o Hegel, ao discorrer sobre a ideia de que o desejo é o desejo do outro, assim, raciocinamos sobre as relações sociais, já que, como desejante, “a consciência-de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência-de-si” (HEGEL, 1992, p.125), ou, como diz o pensador Kojève, “o desejo humano deve buscar outro desejo [...] Se a realidade humana é uma realidade social, a sociedade só é humana como conjunto de desejos desejando-se mutuamente como desejos” (KOJÈVE, 2002, p. 13); e também poderemos incluir o filósofo Sartre, ao discorrer sobre o seu conceito de Para-si (ou consciência humana): “talvez não fosse impossível conceber um Para-si [consciência] totalmente livre de todo Para-outro [consciência do outro] [...] só que esse Para-si não seria ‘homem’” (SARTRE, 2012, p.361).

Percebemos que a discussão a respeito da intersubjetividade é presente tanto na psicologia quanto na filosofia. Então, por isso mesmo, que o psicólogo que vai além da sua psicologia, para flertar com a filosofia, permite-se estar muito mais preparado para lidar com as demandas que, diversas vezes, não estão dadas em livros de psicologia. Lembremos que o ser humano, com a sua singularidade, não está pronto e acabado, gerando demandas novas o tempo todo. Isto é, a relação com outro caracteriza um jogo de regras sempre abertas, num permanente devir em que o psicólogo precisará dar conta, ou seja, terá que pensar nessas mudanças pelas quais ele passa frente a uma situação intersubjetiva que não está nos *manuais de psique*. O pensar filosófico enviesado pela psicologia faz da ação do psicólogo uma

atuação de rigor que não para frente ao limite do mistério, que é a relação com o outro.

A filosofia, portanto, torna-se importante para formação do psicólogo, porque, na prática, ele tem uma necessidade de pensar, já que deste lugar onde está, ninguém vai poder fazer isso por ele. Logo, cada psicólogo não só pode como deve expressar o seu pensamento único, de acordo com o lugar único que ocupa nas relações de afetos ou nas intersubjetividades. Não é que o psicólogo se torne um filósofo, obviamente que não, mas compreenda que, em um trabalho intelectual multidisciplinar, a filosofia vem como uma das formas de apreender as relações estabelecidas no mundo, trazendo uma reflexão profunda das problemáticas existentes no contexto social.

Mas não é somente isso, pois o psicólogo que está envolto da filosofia, é capaz de formar uma visão crítica de si mesmo, do outro e da sua própria atuação profissional. Nesta altura o tal psicólogo pode questionar a própria psicologia, e ao perguntar “o que é a psicologia?”, ele está tomando uma atitude filosófica. Não que o psicólogo não possa questionar a respeito da psicologia, mas esse questionamento é de natureza filosófica. Ele, então, posiciona-se filosoficamente ao dizer: “o que é a psicologia?”, com a finalidade de criticá-la para melhor desenvolvê-la. Esse questionamento é filosófico, porque é da natureza da filosofia questionar tudo e todos, inclusive a ela mesma. Só a filosofia pode interrogar e ser interrogada por si, somente ela pode dizer: “o que é a filosofia?”. Outras áreas do saber questionam o seu objeto de estudo, no caso, a psicologia questiona o ser humano, contudo, na medida em que a psicologia se auto interroga, ela filosofa. Porque a indagação “o que é psicologia?” se remete ao fazer, aos métodos e objetivos da psicologia, logo trata-se de uma área chamada Epistemologia. A Epistemologia, em seu sentido restrito, é um ramo da filosofia que se ocupa do conhecimento científico; é o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, no caso, da ciência psicológica.

Portanto, um psicólogo que interroga a sua própria ciência, coloca-se em uma situação filo-

sófica, mesmo não sendo filósofo. Trata-se de um alargamento crítico em relação ao conhecimento que ele possui, a partir de teorias e autores da filosofia que colaboram para as ciências humanas, potencializando a formação do psicólogo.

INDAGAÇÃO COMO POSICIONAMENTO FILOSÓFICO

Seria ingenuidade do psicólogo acreditar que a psicologia, como qualquer outra ciência, é neutra. É entendido que a ciência pretende um conhecimento verdadeiro, ou, algo próximo deste. Daí que Chauí vai afirmar:

ora, todas essas pretensões das ciências pressupõem que elas acreditam na existência da verdade [...] Verdade, pensamento, procedimentos especiais para conhecer fatos, relação entre teoria e prática, correção e acúmulo de saberes: tudo isso não é ciência, são questões filosóficas [...] Assim, o trabalho das ciências pressupõe, como condição, o trabalho da Filosofia, mesmo que o cientista não seja filósofo (CHAUÍ, 1997, pp. 12-13).

Traduzindo para o nosso termo, o trabalho da psicologia pressupõe, como condição, o trabalho da filosofia, mesmo que o psicólogo não seja filósofo. O que podemos compreender, então, é que a ausência da filosofia traz certa ingenuidade científica, que o psicólogo deve evitar, caso ele queira prezar por uma atuação mais aprimorada na psicologia. “No entanto, como apenas os cientistas e filósofos sabem disso, o senso comum continua afirmando que a Filosofia não serve para nada” (CHAUÍ, 1997, p.11).

O psicólogo, levando em consideração o que a própria psicologia oferece como explicação, entende que o fazer científico, seja qual ciência for, por ser feito por humanos, é construído com base em valores, os quais o filósofo da ciência Thomas Kuhn nomeou de paradigma. Trata-se do paradigma científico. Sendo assim, a função filosófica, nesse caso, é o de desvelar como valores influenciam na constituição de um campo científico, balizando os limites que são impostos

aos avanços no conhecimento. Seguindo a esteira de Chauí, indagações científicas principiam, na maioria das vezes, com indagações filosóficas. Por isso, também, que o psicólogo que questiona seu campo de atuação, submete-se a uma postura filosófica.

Outro ponto a ser considerado é que a psicologia, como qualquer outra ciência, tem o seu valor advindo da vida prática. Seja por questões históricas ou sociais – considerando o filósofo Foucault ao afirmar que a verdade tem uma história como relação de poder (FOUCAULT, 2010)² –, se a ciência parte da vida prática, então, mais uma vez, a filosofia se torna presente como um instrumento intelectual que permite questionar, com rigor, os objetivos paradigmáticos de uma ciência como a psicologia e, assim, apreender como as suas teorias estão imanentes com a vida prática. Essa apreensão das teorias científicas conectadas com a vida prática é de suma importância para o psicólogo, afinal ele lida diretamente com o outro, com a intersubjetividade que move o mundo humano, mundo este mediado também pela linguagem.

LINGUAGEM NA PSICOLOGIA

Poderemos compreender também o papel da filosofia na formação do psicólogo no que diz respeito à linguagem. A psicologia tem, além da intersubjetividade, a linguagem como uma das bases de sua ação. Seja pelo método dialógico, para usarmos um termo da Gestalt-terapia, ou, por associação livre, para nos valermos da Psicanálise, a linguagem está presente. Essa relação dialógica, considerando a peculiaridade de cada abordagem da psicologia e da psicanálise, é que permitirá uma intersubjetividade, seja psicólogo-cliente, ou, outros seres humanos entre si, como em uma comunidade. Mesmo a psicologia mais positivista e descritivista considera a *terapia pela fala*³. Entendemos “que a linguagem, além de influenciar em toda a atividade humana é também o elemento constitutivo da Ciência” (VALLE, 2007, p. 103). A ciência, aqui, é tanto as ciências naturais quanto as ciências humanas, em especial a psicologia.

Dessa forma, a linguagem é mais um dos pontos em comuns que a psicologia pode ter com a filosofia. Trata-se, agora, da filosofia da linguagem, como o filósofo Ludwig Wittgenstein. Inclusive esse próprio filósofo se enveredou, além da linguagem, pela matemática e pela psicologia. Ao retomar

as preocupações com a Filosofia da Linguagem, por outro, empenha-se em explicitar e aprofundar os contornos da Filosofia da Matemática e, por outro ainda, inicia, dando corpo àquilo que mais tarde ficou conhecido como sua Filosofia da Psicologia (VALLE, 2007, p. 103).

Chegamos a um ponto em que se reforça o entendimento de que a psicologia é uma das ciências humanas mais próximas da filosofia. Tanto a filosofia quanto a psicologia têm, como intento, conhecer “o que é o ser humano”. Assim, torna-se fundamental a passagem de um psicólogo isolado em sua teoria, não poucas vezes somente tecnicista, ao um psicólogo crítico e mais disposto ao devir.

Aproveitando o ensejo, cabe entender também que ao falarmos de uma atitude filosófica por parte do psicólogo, anula-se o discurso de que se tal estudante de psicologia ao tomar contato somente com as técnicas de uma psicologia, ele estará indiretamente sendo atingido pela filosofia, considerando que o autor das tais técnicas foi um psicólogo que era versado em filosofia. Isso não é possível, porque não estamos, aqui, nos referindo simplesmente ao acúmulo de conhecimento filosófico, seja ele indireto (através das técnicas psicológicas) ou diretamente (através das obras filosóficas em si), mas estamos sim nos voltando a uma atitude filosófica que é o agir mesmo do psicólogo frente a uma situação, exigindo, então, que ele tenha contato com a filosofia e não com suposta filosofia “implícita” nas técnicas, pois se trata de uma atitude consciente do que faz, de um pensar rigoroso e autocrítico que a ferramenta filosófica disponibiliza. Tal consciência filosófica não advém de coisas implícitas, embora, consciente ou não, o psicólogo poderá tomar atitudes

louváveis que fogem do campo da psicologia. Mas, o que queremos colocar com bastante destaque é uma forma que assegure uma atuação de um psicólogo com mais primor, e isso só é possível se ele flerta com outras formas de saber, como a filosofia, de maneira direta e ciente do que está fazendo. Sendo responsável pelos seus atos e sendo um profissional ético. Caso contrário, também, seria a mesma coisa dizer que se pode atuar como psicólogo sem nunca ter estudado diretamente as teorias da psicologia. Qual a segurança minimamente aceitável que teremos a respeito de uma atuação dessa natureza?

Portanto, para desenvolver uma formação de psicólogo na qual a filosofia tem uma grande importância, é preciso antes romper a barreira disciplinar entre a psicologia e a filosofia e superar a desconfiança, a zona de conforto e a resistência por parte de certos psicólogos, para que possa haver um engajamento com um “pensamento inicial” construtivo. Embora, provavelmente, quase todos concordariam que a psicologia flerta com a filosofia. Porém, mesmo assim, corremos o risco de não estarmos dispostos a explicitar esse projeto e iniciar uma indagação filosófica sobre a formação do psicólogo. De qualquer forma, a psicologia e a filosofia são uma via de mão dupla e isso precisa ser mais bem explorado.

A PSICOLOGIA E A FILOSOFIA SÃO UMA VIA DE MÃO DUPLA

Por que a psicologia e a filosofia são uma via de mão dupla? No início desta atividade dissemos que a filosofia e a psicologia (esta que viria a ser científica), desde a antiguidade, eram uma espécie de amálgama. Contudo, até o momento discorreremos com mais ênfase sobre a importância da filosofia na psicologia. Expomos pontos positivos em que mostra a atuação de um psicólogo que se inclina à filosofia. Só que a psicologia, como entendida na atualidade, tem, há certo tempo, tornado-se importante também para a filosofia.

Se voltarmos aos anos de 1930, por exemplo, encontraremos o filósofo Sartre que, ao desenvol-

ver a sua filosofia, se valeu bastante da psicanálise de Freud. Isso fica bastante explícito na obra sartriana “O Ser e o Nada”, na qual há um capítulo intitulado “A Psicanálise Existencial”, que, por sinal, é uma das influências para o surgimento de vertentes da Psicologia fenomenológica-existencial. É evidente que ambas as psicanálises não tratam da mesma coisa, até porque Sartre era um filósofo fenomenológico-existencial e, assim, fez duras críticas à psicanálise freudiana (o que é interessante, pois se não houvesse tais críticas por parte dos filósofos, não valeria a pena o psicólogo flertar com a filosofia com intuito de ampliar seus horizontes. O conflito positivo de ideias gera conhecimento). Então, o que queremos deixar evidente é a inspiração da psicologia/psicanálise para o fazer filosófico. Em um dado momento Sartre até afirmou em sua obra: “esta psicanálise ainda não encontrou o seu Freud” (SARTRE, 2012, p. 703).

Outro exemplo é a psicologia da Gestalt e a psicanálise que influenciaram positivamente a filosofia de Maurice Merleau-Ponty. Esse filósofo disse:

entre o ponto de vista da psicologia e o ponto de vista da fenomenologia, ou da psicologia empírica, o que há é sempre o homem. Por conseguinte, mesmo que nossa imagem empírica de ser humano seja adquirida com todos os pressupostos da psicologia empírica – que vê o homem situado numa causalidade do mundo –, essa psicologia empírica, quando atenta para o que descreve, sempre acaba por dar ensejo à inversão que não vê o homem como parte do mundo, mas como o portador da reflexão (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 411).

Referindo-nos as datas mais recentes, temos também outro filósofo que serve de exemplo a respeito das influências da psicologia na filosofia, é o Axel Honneth. Especialmente na sua obra “Luta por reconhecimento” (2003), Honneth desenvolve capítulos especiais para o psicanalista Winnicott e o psicólogo Herbert Mead, com objetivo de dar base mais concreta à sua filosofia da Teoria Crítica. Honneth também afirmou:

uma teoria que constitui uma ponte entre a idéia original de Hegel e nossa situação intelectual encontra-se na psicologia social de George Herbert Mead; visto que seus escritos permitem traduzir a teoria hegeliana da intersubjetividade em uma linguagem teórica pós-metafísica, eles podem preparar o caminho para a tentativa aqui empreendida (HONNETH, 2003, p. 123).

No que tange ao Winnicott, o filósofo diz que a “idéia central, na qual as intuições do jovem Hegel encontram confirmação num grau surpreendente, teve seu caminho preparado pelo psicanalista inglês Donald W. Winnicott” (HONNETH, 2003, pp. 163-164).

REJEIÇÃO DO GOVERNO DE BOLSONARO NO QUE DIZ RESPEITO À FILOSOFIA

Como observamos, a filosofia teve um papel fundamental para o desenvolvimento, o amadurecimento e uma conquista crítica da psicologia. A filosofia para a sociedade, para a política também gera o mesmo efeito crítico. Aqui se apresenta uma problemática: Bolsonaro cumpre uma cartilha de viés fascista de cecear o pensamento livre e crítico. Assim como a filosofia foi uma grande crítica das ciências psicológicas, como já observamos brevemente, ela continua com seu papel crítico às outras áreas da vida humana e do saber, como os Direitos Humanos, a política, a ética etc. Portanto, nessa perspectiva, o atual governo enxergar a filosofia como “inimiga”, censurando qualquer tipo de oposição ao seu governo.

Não precisamos recorrer aos pensadores, tão perseguidos pelo atual governo, como Marx, Gramsci, Lukács, Foucault etc. para se apropriar do pensamento crítico e a oposição contra a censura bolsonarista, pois, por exemplo, como no livro de John Locke já há afirmações que incomodariam qualquer autoritarismo: SS 199 “a tirania também é o exercício do poder sobre o direito legítimo de outra pessoa”. Isso significa que a filosofia carreta no seu bojo resistência contra um governo como o de Bolsonaro. Em uma coluna publicada no Jornal

Folha de S. Paulo no dia 03/05/2019, o professor de filosofia Vladimir Safatle salientou: “a história da filosofia é um grande combate contra aquilo que tentam fazer com a sociedade brasileira. A única maneira de parar esse combate seria, exatamente, eliminando-nos, como este governo sonha fazer” (SAFATLE, 2019, s/p).

Com outras palavras,

o incômodo com os direitos humanos também parece estar relacionado com o fato de que essa política é, em boa medida, incompatível, em valores e filosofia, com os métodos e procedimentos que ele defende e entende como necessários para o controle e ordenamento sociais, bem como para resolver o problema da violência no Brasil. A defesa da tortura, a vontade de justiça com as próprias mãos e o endurecimento das leis e penas são, por exemplo, alguns desses métodos. Em seus discursos, aparece nitidamente a vontade de vingança e revanche contra criminosos (DIBAI, 2018, p. 132).

Isto é, o posicionamento do governo Bolsonaro desvenda que o presidente não quer instigar uma população com pensamento crítico, o que deixa lacuna para que ele continue implementando sua política de retirada de direitos. Isso implica em questões que, ao apresentar uma contra história da filosofia, no Brasil (e no mundo) o tal governo busca uma cosmovisão contrária à democracia.

Assim, temos de um lado a filosofia que questiona as relações intersubjetivas e seus produtos (como a política) e a psicologia que é tida como o estudo científico da forma como pensamentos, sentimentos e comportamentos das pessoas são influenciados por outrem. São nessas influências que há um corte de censura, por parte do tal governo, permitindo um projeto conservador, alienador que contraria a comunicação humana frente ao comportamento alheio.

Então, a filosofia não se presta a um trabalho utilitarista no sentido como da área de engenharia civil, a qual, esta, constrói moradias ampliando cidades, por exemplo (que por sinal é uma área valorizada por Bolsonaro em detrimento das ciências humanas e filosofia); mas o filosofar permite

idades ideais, ideais de cidade e cidades reais perante ao governo que aí está, experimentando outros modos de se fazer cidades e desautorizar aqueles que falaram em seu nome (certos políticos, por exemplo), porém que jamais conseguiram realizá-las. A respeito disso, somente os campos das exatas (sem negar a sua inevitável importância social), como a engenharia, não dão conta; é preciso uma reflexão que perpassa pelo o humano até as suas criações existenciais, que é o que a filosofia busca exercer (FERNANDES; MEIRINHOS, 2008). Isso também nos mostra, como expresso aqui com mais propriedade, que a ação filosófica está implicitamente e/ou explicitamente até nas ciências consideradas duras.

Enfim, a importância da filosofia na formação do psicólogo é também um dizer da seriedade da filosofia entre outras áreas das ciências, seja elas de humanas ou exatas. Se se ignora isso, é considerar um discurso ideológico conservador, como o de Bolsonaro.

CONCLUSÃO

Como no início deste trabalho, retomaremos aqui o entendimento em que historicamente a psicologia e a filosofia caminharam juntas. Portanto, os pressupostos filosóficos que organizaram e organizam a psicologia são os resultados de uma cruzada secular para investigar os princípios a respeito da existência humana.

Agora que a filosofia sofre uma crítica política e negativa por parte do governo atual, com o intuito de ser anulada como curso em Universidades

e disciplinas em escolas públicas, talvez tenha chegado a hora de avaliar nossa herança e reformular a formação do psicólogo com a filosofia. Até porque não temos como apagar os fundamentos sobre os quais a psicologia se apoiou e se apoia. O que fica evidente é que a filosofia não é o passado da psicologia, mas sim que as duas sempre se complementaram, ora de forma direta, ora de forma indireta.

Na conjuntura política atual do Brasil, ao ameaçarem a existência dos cursos de filosofia e sociologia, como já vimos, ameaçam também a existência da psicologia, e isso não só porque esta se relaciona com aquela, como também devido ao fato de que a psicologia se utiliza da filosofia e da sociologia (esta bem explícita na psicologia social) para ser o que é: a ciência que estuda o humano. Portanto, corre-se o risco também de ser ameaçada pela mesma ideologia política conservadora que ameaçou os outros campos de saberes aqui mencionados.

Ao tomar consciência das tradições que a alicerça e a que se dá continuidade, a psicologia fortalece a filosofia e a filosofia fortalece a psicologia em um ambiente crítico e positivo do fazer e do conhecimento, afastando-se do senso comum de que a filosofia não serve para nada. Dentro dessa perspectiva, entendemos que o psicólogo (o que não é pouca coisa) é mais que um mero psicólogo, pois ele assume de modo único uma posição filosófica frente ao seu próprio posicionamento no mundo que, com efeito, no caso, ameaça o governo bolsonarista.

■ ConTextura

NOTAS

1. Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, com pesquisas na filosofia de Jean-Paul Sartre. É membro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea, da ANPOF, e integrante do grupo de pesquisa 'Fenomenologia e Existencialismo', da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF/CNPq. Foi bolsista do projeto de pesquisa 'Sartre e as fronteiras da escolha', financiado pelo CNPq/UEFS. Fez parte da equipe editorial da Revista Ideação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Em Filosofia - NEF/UEFS. Foi editor da Revista de Filosofia Sísifo. Atua principalmente nas seguintes áreas e temas: existencialismo, fenomenologia, filosofia da psicologia, filosofia social, corpo e subjetividade.

2. “O poder produz saber [...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p.30).
3. Ao nos referimo-nos à “terapia pela fala”, estamos nos voltando a uma forma de se fazer psicoterapia em que a interação terapeuta-cliente não é exclusivamente verbal, como também linguística de forma geral, o que não ignora psicologias como o Behaviorismo que, obviamente, lida com o cliente pela linguagem verbal e não verbal.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1997.
- DIBAI, P.C. *A Direita Radical no Brasil pós-redemocratização: o caso de Jair Bolsonaro* (Dissertação de filosofia). Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2018.
- FERNANDES, J, A, R; MEIRINHOS, J, F. Cidades ideais, ideais de cidade, cidades reais. In: _____ *A Filosofia e a Cidade*. Paula Cristina Pereira (Orgs.). Porto: Campo das Letras, 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 2010.
- FREUD, S. *A dinâmica da transferência*. Obras completas, ESB, v. XII. Imago: Rio de Janeiro, 2006.
- _____. *Psicologia do grupo e análise do ego*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HEGEL, G, W, F. *Fenomenologia do Espírito*. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- KOJÈVE, A. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- MAIA, D. *Bolsonaro propõe reduzir verba para cursos de sociologia e filosofia no país: para presidente, governo deve priorizar áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte*. Folha de São Paulo, Educação, p. 1, São Paulo, 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/bolsonaro-propoe-reduzir-verba-para-cursos-de-sociologia-e-filosofia-no-pais.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2019.
- MERLEAU-PONTY, M. *Psicologia e pedagogia da criança: curso da Sorbonne 1949-1952*. (I. C. Benedetti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PERLS, F.S.; HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.
- SARTRE, J-P. *O Ser e O Nada: Ensaio De Ontologia Fenomenológica*. 21ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- SAFATLE, V. (2019). *A filosofia é um esporte de combate*. Folha de S.Paulo, São Paulo, 03 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2019/05/a-filosofia-e-um-esporte-de-combate.shtml>>. Acesso em: 02 de setembro de 2019.
- SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. Brasília: Editora UNB, 1967.
- SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- VALLE, B. *A Filosofia da Psicologia em Ludwig Wittgenstein: sobre o “plano de tratamento dos conceitos psicológicos”*. Revista AdVerbum 2 (1) Jan a Jun de 2007.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.